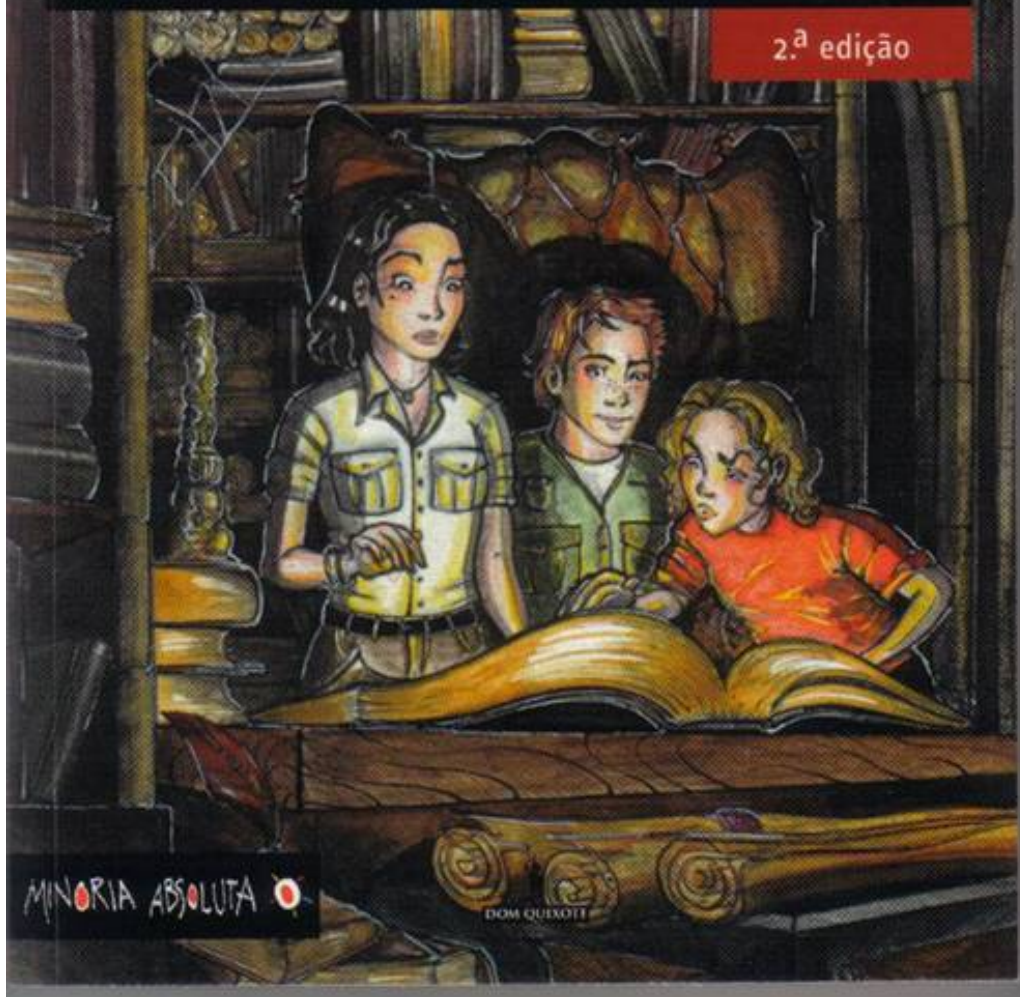


→ OS PRIMOS

# O SEGREDO DO MAPA EGÍPCIO

Mafalda Moutinho

2.<sup>a</sup> edição



### I - Mais um destacamento...

— *Madame Roche*, gostava de levar este livro para casa – disse Ana timidamente à directora da Bibliothèque Sainte-Geneviève, no número 10 da Place Panthéon, no Quartier Latin, em Paris.

Colocou em cima da mesa um enorme livro que parecia ser muito antigo. Ana sabia bem que os livros assinalados com um sinal vermelho na parte superior da lombada não podiam sair da biblioteca. Mas talvez se pudesse abrir uma excepção.

A Sra. Michèle Roche estava de pé e parecia muito ocupada a ordenar uma pilha enorme de livros recebidos no dia anterior, cujos dados teria de introduzir no computador. Virou-se de repente, olhando a repariguinha por cima dos grandes óculos e deixando cair o anuário demográfico de 1968 com um estrondo. Apesar de ser uma senhora demasiado alta e bastante magra, insistia em usar os maiores óculos que Ana já alguma vez vira na sua vida. Tinha uma cara fina e longa, de tez muito branca e sarapintada de sardas castanho-claras

que a faziam parecer mais nova do que na realidade era.

A jovem conhecia a Sra. Roche há dois anos, desde que a família se mudara para Paris. Informar-se sobre as bibliotecas locais era a forma mais rápida de adaptar-se aos países onde tinha de viver devido aos destacamentos do seu pai, o embaixador Hugo Torres. E simpatizara com aquela senhora de 55 anos desde o dia em que esta a encontrara empoleirada no topo de uma estante altíssima, na área das Grandes Civilizações, quando o enorme escadote que utilizava para chegar aos livros mais altos se afastara perigosamente, sem que Ana desse conta:

— E o que é que fazes aí em cima pendurada? – perguntou a Sra. Roche com um fiozinho de voz rouca e preocupada, ao ver a garota, a seis metros do solo, com uma perna assente na estante e a outra a bambolear, distraída. Empurrou o escadote para ao pé dela e continuou:

— Queres-me dizer como é que estavas a pensar descer daí?

— Ah... bem... estava só a dar uma olhadela a estes livros antigos sobre os Maias – respondeu Ana que na altura contava apenas dez anos. Sentia-se envergonhada por não ter reparado que o escadote se tinha afastado e estava mesmo à espera de receber um sermão por ter subido tão alto sem a ajuda de ninguém.

— Vem, desce das alturas. Não te preocupes, deixa os livros aí em cima que eu depois trago-tos para baixo.

Ana desceu e quando chegou ao fundo do escadote tinha a face tão rosada como a camisola vermelha que trazia vestida.

“Agora é que vão ser elas... tenho a certeza de que dirá tudo à minha mãe e depois nunca mais me deixam vir sozinha à biblioteca”, pensou.

A Sra. Roche dobrou-se ao meio (que era a sua forma natural de descer das alturas), com as mãos atrás das costas.

— Sabes que podias ter caído? – sussurrou deixando

esboçar o sorriso que até então se esforçara por esconder.

— Sim, mas não fiz de propósito. Vi-a tão ocupada que não quis incomodá-la. E eu estava tão entretida com estes livros que nem reparei! Imagine que os Maias, como os Egípcios, construíram templos... - e foi interrompida por uma risada da bibliotecária:

— *Ooohlala!* Estou a ver que além de curiosa e destemida, és também inteligente. A mudar de assunto, eh? Vou buscar-te os livros que pretendes, mas que isto de subir ao escadote sem antes me pedires não se repita, *d'accord?*

Ana acenou e sorriu agradecida. A Sra. Roche achou graça àquela miúda tão pequena, e de curiosidade tão grande. Desde esse dia, uma espécie de entendimento mútuo surgira entre as duas.

Por isso, quando Ana perguntou se podia levar o Grande Livro do Egípcio consigo para casa, a Sra. Roche, continuando a olhá-la por cima dos seus enormes óculos, disse:

— *Mais oui...* podes. Mas tens de o trazer de volta antes de sexta-feira da próxima semana. É um dos livros proibidos. E exige muito cuidado. É antiquíssimo, não se sabe ao certo em que ano foi escrito. Foi uma oferta do Professor Mohammed El-Gawli, o famoso egiptólogo. Lembro-me como se tivesse sido ontem. O Professor... descanse em paz - interrompeu-se a bibliotecária fazendo rapidamente o sinal da cruz - parecia até muito agitado na altura, o que não era costume para uma pessoa sempre tão calma... Sim, passou por aqui e disse estar muito feliz por poder oferecer-nos uma das jóias mais preciosas da sua nação. Desculpou-se muito por não ter embrulhado a importante dádiva como devia ser, mas explicou que tivera de sair à pressa de casa. Lembro-me também de tê-lo ouvido expressar o desejo de que fosse lido apenas por curiosos de bom coração... Não sei o que queria dizer com aquilo. Obrigou-me a prometer que nunca venderia o livro nem o passaria a outra biblioteca. Achei tudo muito estranho e exagerado... Infelizmente o Professor morreu duas

semanas depois e o livro nunca saiu da biblioteca. Tem cuidado, está bem, Ana? É realmente uma preciosidade. Confio em ti - e prosseguiu com a inserção do livro no computador.

Ana estava já a afastar-se quando ouviu a Sra. Roche falando alto consigo mesma:

— *C'est bizarre!*... Já aqui está há seis meses e nunca ninguém o leu! *C'est pas normal!*... Se calhar não o devia ter colocado tão alto... Não percebo como tantos egiptólogos e curiosos puderam passar por aqui sem o requisitar. Fez sempre parte dos registos da biblioteca. Talvez não tivessem um coração suficientemente bom. Oh!... que disparete, Michèle! - e continuou a ordenar livros.

Ana estava muito satisfeita com a sua descoberta e não via a hora de chegar a casa e enfiar-se no quarto para devorar o livro. As figuras e desenhos pareciam ter sido feitos à mão.

“Bendito o dia em que subi ao topo daquela estante”, pensou. “Se não o tivesse feito talvez hoje não pudesse trazer para casa um livro como este.”

E saiu do edifício transportando o pesadíssimo livro nos braços. Foi ao encontro do motorista que a esperava à porta do elevador e meia hora depois estava em casa.

\* \* \*

Uma semana mais tarde, o embaixador Hugo Torres desfolhava o Financial Times dentro do seu enorme gabinete quando foi interrompido pela secretária informando-o de que Sara, a sua mulher, lhe desejava falar ao telefone.

— Sim, querida? Não, ainda não sei nada, a comunicação ainda não foi feita. Bem sei, bem sei, as raparigas estão ansiosas por saber onde passaremos as férias este ano. A minha irmã Isabel também já telefonou hoje de manhã para saber o que fazer com o André, se o mandava vir ter connosco aqui a Paris ou directamente ao local que escolhermos para as férias... Mas não posso fazer nada. Sabes como são estas

coisas. Falamos mais tarde? Um beijo - e desligou.

— Uhhh... está um belíssimo dia! E esta maldita comunicação, não chega!? Parece que estão todos a ficar nervosos. Um passeio pelos jardins da embaixada ajudará a desanuviar.

E, tendo decidido em voz alta, abriu a porta do gabinete com o jornal dobrado debaixo do braço, continuando a frase:

— ... Por isso, Dominique, se telefonarem para mim, diga que estou em reunião. Se for urgente, estou no jardim a tomar ar.

O embaixador Torres seguia a carreira diplomática há vinte anos. Era um homem muito alto e de postura claramente “diplomática”. As suas maneiras eram finas e distintas, caminhava com segurança, e falava sem desviar o olhar dos interlocutores. A sua experiência tinha-lhe ensinado as técnicas necessárias para conhecer os mais ínfimos pormenores de cada cultura, em pouco tempo. O estudo da psicologia dos indivíduos, *hobby* para o qual mostrava uma certa inclinação, oferecia-lhe a restante informação necessária ao exercício da sua profissão. Tinha 42 anos, mas os primeiros cabelos brancos tinham-lhe aparecido aos 30. Vestia-se impecavelmente, de um estilo muito *British*, com fatos elegantes e sapatos condizentes. Tinha sempre uns óculos finos de aros negros no bolso da camisa ou do casaco. Utilizava-os apenas para ler e colocava-os na ponta do nariz quando necessitava de afastar o olhar da leitura. Transmitia a imagem de uma pessoa calma, por razões profissionais, mas fazia um grande esforço para não deixar transparecer as emoções fortes que por vezes experimentava. Era Sara, a sua mulher, quem se encarregava de propagar a calma natural ao resto da família.

“Talvez seja qualquer posto no Médio Oriente”, pensou sentando-se e abrindo o jornal na página que estava a ler antes de ir para o jardim. “Final estão bem a par da minha experiência em países muçulmanos no passado...”

A tarde estava límpida, de temperatura amena, e os pássaros chilreavam por detrás do banco onde o embaixador se sentara, debicando migalhas que alguém deixara cair de propósito.

O motorista aproximou-se nesse momento.

— Jonas... há algo urgente? Alguém telefonou para mim?

— *Oui, monsieur ambassadeur*. Chegou o fax com a comunicação dos próximos destacamentos...

— Ah, muito bem! Obrigado, Jonas.

Dobrou à pressa o jornal e regressou em passos largos ao gabinete.

— Vejamos então... Rodrigues... Roque... Sequeira...- e percorria a lista em voz alta, com ânsia, esquadrinhando as páginas do fac símile de alto a baixo, perscrutando com detalhe o rol de nomes de embaixadores e outros diplomatas que, como ele, esperavam notícias relativas aos seus próximos destinos -Tarouca... Torres, Adriano... não?! Para o Yemen? Não era disto que estavas à espera, Adriano! Londres terá de esperar pelo menos mais dois anos. Enfim... onde íamos? Ah, sim, Torres, Amílcar... Torres, Hugo... Ah!, cá está... próximo destacamento... ah!... uhhh... quem diria? Velha e caríssima amiga... Cairo. De volta ao Cairo... Eh! Pois muito bem!

— Então, *monsieur ambassadeur*, está contente com o novo destacamento? - perguntou Dominique, abrindo ligeiramente a porta e entrando no gabinete, ao ver o aceno afirmativo.

— Sim, as crianças vão gostar. Vai ser a primeira vez que experimentam um país árabe. Até me quer parecer que a Ana anda a ler um livro sobre o Egípto. Aquela rapariga tem uma curiosidade infinita pelas grandes civilizações. Às vezes pergunto-me se não deveria sair mais com os seus amigos. Sempre enfiada nas bibliotecas... A Sara tem também boas recordações da cidade e do país. A embaixada Americana

organiza as famosas festas TGIT, *Thank God it's Thursday*<sup>1</sup>, uma vez que o fim-de-semana se inicia quinta-feira à tarde... e a Italiana é perita em aperitivos pós-laborais, tal como se faz no dia-a-dia em Milão. Além disso, há sempre tantas actividades para os fins-de-semana! E as tempestades de areia já não são como dantes. Bom, peça ao Jonas que esteja pronto para me levar a casa dentro de cinco minutos, sim? Pode levar estes documentos que já estão assinados. Amanhã comece a tratar dos vistos. Partiremos por volta de quinze de Junho.

O embaixador era uma pessoa organizada e meticulosa ao ponto de ser incapaz de sair do gabinete sem antes colocar cada objecto na sua posição certa, mesmo sabendo que Dominique se encarregaria de o fazer por si.

— Vemo-nos amanhã, Dominique. Boa tarde - e por fim saiu.

— São cinco horas - disse, olhando para o elegante relógio de ouro. E dirigindo-se a Jonas acrescentou: — Desce pela Avenue Raymond Poincaré. Ainda vamos a tempo de passar pela pastelaria Al Dar, não vamos? Quero levar uns *Basbusa*, uns *Baklawa* e meio quilo daquelas deliciosas tâmaras cobertas de chocolate de Alexandria... Ummm, só de pensar nelas até me cresce água na boca! - e esfregou as mãos, satisfeito.

\* \* \*

Ao chegar a casa, o embaixador encontrou apenas Sara e Maria, pois Ana tinha saído para visitar uma amiga. Deu um beijo à esposa e à filha, entregou-lhes os doces árabes e perguntou-lhes a que horas voltaria Ana.

<sup>1</sup> *Graças a Deus é quinta-feira*, expressão adaptada à realidade egípcia muçulmana na qual o fim-de-semana se compõe de sexta-feira e de sábado, e não de sábado e domingo, como nas culturas ocidentais. É uma expressão emprestada de uma outra muito conhecida em Inglês, *Thank God it's Friday* e que deu nome a uma famosa cadeia de restaurantes americanos em todo o mundo. *N. da A.*

— Saiu para visitar uma amiga? Ótimo, ótimo!...

— Parece que tinha de fazer um trabalho de grupo. Disse-lhe para estar aqui às sete e meia, para podermos começar a jantar às oito - respondeu Sara e continuou de seguida: — Imagino que tenhas tentado telefonar-me para me dizeres o resultado dos destacamentos... Estive a falar com a Isabel. Telefonou para aqui esta tarde... Está preocupada com a viagem do André. Tem receio que seja tarde demais para encontrar bilhete de avião para ele... Ficaria muito decepcionada se tivesse de levar o filho para a viagem de segundas núpcias com o Carlos. Era muito melhor se tivesse esperado até saber exactamente para onde iríamos, não achas, querido?

— Sim, mas terá uma certa razão. Pode não conseguir bilhete para o Cairo... afinal ali não existe propriamente uma estação alta. Os turistas visitam-na durante todo o ano. Há, em boa verdade, esse risco e...

— Cairo? Cairo? - perguntou Maria, muito trémula, com uma lágrima a bailar-lhe no canto do olho esquerdo. — Mas o Egipto estará cheio de aranhas por todos os lados! Que horror!

Maria era a filha mais velha, tinha 14 anos e sentia desde miúda um horrível pavor de aranhas. Odiava-as e achava-as os animais mais desprezíveis de todo o Reino Animal, por mais ínfimas e minúsculas que se lhe pudessem apresentar. Fossem grandes ou pequenas, pretas, de dorso vermelho, amarelas, Viúvas Negras, Pseudo-escorpiões, Aranhas Saltadoras, Aranhas das Flores, Aranhas da Água, Aranhas das Tendas, Aranhas-lobo, Aranhas-rato, Aranhas que Comem Pássaros, aranhas duras, fofas, lisas, sarapintadas, venenosas ou inofensivas, a todas ela odiava.

— Então é para o Cairo que vamos?... - atalhou Sara.

— Sim, para o Cairo. Vai ser interessante voltar a visitar todos aqueles locais!...- respondeu o marido.

— Quem sabe se os nossos instrutores de mergulho

subaquático ainda ali vivem? O então embaixador da Áustria fez o curso conosco. Ele e outro rapaz italiano que trabalhava numa companhia petrolífera... Vai ser divertido voltar ao Mar Vermelho. É sem dúvida um dos locais mais espectaculares para mergulhar!

— Não, não quero ir! Para o Cairo não! – e soluçava. — Pai, por que não vamos antes para... para Londres, por exemplo? Ali não há aranhas! – E agarrou-se-lhe à manga do casaco, puxando-a.

— Maria, já és crescidinha, sabes bem que as coisas não se passam assim. E no Cairo há tantas aranhas como em qualquer outra parte do mundo. Não sei onde foste buscar essa ideia!

— O pai tem razão, querida. O Cairo tem uma lista infundável de actividades que se podem fazer em qualquer altura do ano. Não existem limitações climatéricas e são tantos os jovens, seja locais seja estrangeiros, com quem poderás relacionar-te! Não te aborrecerás e vais divertir-te muito mais do que podes imaginar!

Maria não estava interessada em nenhum jovem local ou estrangeiro e muito menos na “lista infundável de actividades” ou na falta de “limitações climatéricas”. Só queria saber das aranhas, aqueles seres monstruosos que sabia bem existirem no deserto.

Odiava-as sobretudo desde a história do peru. Ah, a famosa História do Peru. Tinha-se, aliás, tornado uma anedota familiar e todos se riam à sua custa quando a recordavam...

Maria encontrava-se com a família na Quinta das Torres, a quinta dos avós no Norte de Portugal, em Trás-os-Montes. Era uma quinta muito grande, no meio de montes, repleta de trigais, milharais, hortas, pomares, pinheiros, castanheiros, amendoeiras, enormes olivais, vinhas extensas e muitos animais. A família Torres não passava muito tempo no seu país por isso, sempre que podiam, Hugo e Sara levavam

Maria e Ana à quinta para permanecerem duas ou três semanas sozinhas com os avós durante parte das férias escolares. Assim aprendiam a viver perto da Natureza, divertindo-se a conhecer a vida das plantas e dos animais que as rodeavam. Como os perus! Maria não podia deixar de corar sempre que se lembrava do que tinha feito. E tudo por causa das aranhas...

Um dia a avó comprou um peru muito grande que, por um curto período, colocou sozinho num galinheiro pequeno, para que se ambientasse antes de conhecer os outros galináceos.

As duas irmãs gostavam de ajudar os avós em pequenas tarefas, por isso, quando a avó disse à Maria que iria levar água ao novo peru, a Maria ofereceu-se logo para o fazer. A avó disse-lhe então que encontraria um pequeno cântaro de duas asas na adega, já pronto com água fresca da mina até metade. Devia levá-lo ao peru e despejar-lho na pia de pedra, mas tinha de certificar-se de que levava o cântaro de duas asas, não o de uma asa apenas. Maria assim fez. Desceu até à adega e pôs-se a procurar o cântaro.

A adega não era o seu local preferido. Era o recinto mais frio da casa, e por isso o mais indicado para conservar o vinho produzido na Quinta das Torres. Além do mais não tinha janelas, apenas uma clarabóia minúscula, e estava a abarrotar de aranhas, o que fazia aumentar os batimentos cardíacos da rapariga e a obrigava a concluir com rapidez o propósito da sua breve viagem.

Olhou em redor analisando à pressa os numerosos objectos entre as quatro paredes mal iluminadas e, recusando-se a acender a luz para não tocar nalguma aranha, deu dois passos medrosos para o centro da divisão e na direcção do que lhe pareciam ser três cântaros.

Ao aproximar-se ouviu um ruído atrás de si, de um rato do campo talvez ou, conforme lhe ditava a sua imaginação, de uma aranha gigante que a si se chegava de mansinho. Maria



não se sentia destemida o bastante para permanecer por ali nem mais um minuto. Os três cântaros estavam todos cheios de líquido. O maior continha azeite, o pequeno de duas asas continha água e o último, de apenas uma asa, continha aguardente forte.

O coração batia-lhe como se estivesse para lhe saltar fora do peito. Os ruídos estranhos continuavam. A tremer, agarrou no cântaro mais pequeno que viu, de apenas uma asa, e saiu a correr, tropeçando num toldo e entornando um pouco do líquido pelo chão.

Já fora, no pátio das traseiras, abriu a cancela do galinheiro e despejou o cântaro na pia do peru. O que Maria não reparou foi que o cântaro que a avó lhe pedira ficara na adega, e que com toda a sua azáfama trouxera o cântaro errado, o de apenas uma asa, cheio de aguardente!...

O resultado só foi percebido quatro horas mais tarde. O avô acabava de chegar dos campos e, ao entrar no pátio, reparou no peru novo e na forma estranhíssima como caminhava aquele animal bizarro, agora na companhia das outras galinhas, saltando de vez em quando sem razão aparente, esvoaçando e largando penas por todo o lado. Ora encolhia, ora esticava o pescoço comprido numa enorme agitação, chocando com os patos, galinhas e galos que o olhavam apavorados, fugindo dele e fazendo coro com os seus longos e esganiçados glu-glus.

A História do Peru tinha-lhe deixado más recordações, e Maria sabia que só lhe restava rezar para que os encontros com as aranhas no Cairo fossem raros... ou se possível inexistentes.

Às sete e meia em ponto, Ana tocou à campainha. Sara abriu-lhe a porta e disse-lhe que o pai tinha uma notícia importante para lhe comunicar. Ana dirigiu-se ao pai, mas como este ainda estava ao telefone com o embaixador Adriano Torres, decidiu ir para o seu quarto esperar que a fossem chamar. Só tinha de estar pronta para jantar às oito,

por isso podia ler mais um bocadinho. O prazo para entregar o livro egípcio estava a acabar.

O Grande Livro do Egipto era realmente grande! Aliás, era enorme, pesado, de páginas demasiado velhas e amarelecidas com o tempo, mas ricas de cor e de particularidades sobre aquele país fértil de aventuras e mistérios que Ana adoraria conhecer. Além disso tinha sido escrito de uma forma assombrosa, qualquer coisa entre o real e o fantasmagórico. Ana interrogava-se se as histórias e descrições que a princípio julgara pertencerem a um mundo puro de ficção, eram verdadeiras ou inventadas. Mas talvez fosse precisamente aquela incerteza, aquele passear-se pelo limiar entre a verdade e a fábula que a mantinham imóvel, sentada na cama, de olhos esbugalhados e assentes nas letras gordas e assustadoras do livro, onde desenhos fantásticos apareciam aqui e além.

As histórias falavam de faraós, múmias, templos, pirâmides e outras construções estupendas, de ambiciosos exploradores em busca da descoberta do século, de salteadores desejando riquezas e de tantos grupos de defensores do património nacional e dos cultos e rituais antigos que insistiam em manter longe da cobiça estrangeira.

Imaginava-se exploradora, seguindo pistas camufladas no interior daqueles templos magníficos, descobrindo pedaços de histórias desconhecidas do antigo Egipto, entre as paredes de santuários enormes, de tectos muito altos com aberturas recortadas que faziam entrar a luz de forma a criar figuras irreais. Via as reentrâncias alojarem pequenas plantas, insectos curiosos ou fragmentos de utensílios antigos e esconder alavancas secretas que abririam passagem a antecâmaras com tesouros ou sarcófagos de múmias.

O Professor Mohammed El-Gawli deveria ter sido uma pessoa invejavelmente culta e conhecedora daqueles mistérios. Que lhe teria acontecido? Quais seriam as causas da sua morte?

O livro era muito velho e Ana fazia os possíveis para não estragar nenhuma folha ou ilustração. Olhou para o relógio de parede com os seus compridos ponteiros em forma de raio e escutou o tique-taque hipnótico. Os olhos fecharam-se-lhe, por segundos, talvez minutos, e entrou uma pirâmide desconhecida, que não recordava de nenhum livro ou documentário. Espreitou curiosa para dentro do ingresso rectangular e singularmente diminuto. Esgueirou-se, destemida, pela entrada e sentiu um vento frio vindo do interior, como se alguém tivesse aberto uma porta do outro lado da pirâmide causando uma corrente de ar sinistra. Sentiu algo que lhe deslizava pela perna e lhe caía aos pés. Assustou-se e abriu os olhos. Olhou de novo para o relógio de parede. Eram oito menos dez. Pegou no livro que entretanto lhe tinha tombado aberto para a cama e colocou-o direitinho em cima da almofada. Levantou-se e estava pronta para sair quando reparou numa folha de papel tão amarelada como as do livro, caída ao lado dos seus pés.

— Bolas, acabei por arrancar uma página sem querer! A Sra. Roche vai ficar furiosa. Tenho tido tanto cuidado!... - e baixou-se para apanhar a folha arrancada. — Mas... esta folha não pertence ao livro. De onde terá caído?

Analisou a folha com atenção, lendo umas palavras manuscritas e douradas que, no fundo da página, construíam os seguintes versos:

*Aos curiosos de bom coração:*

*Ruinosa maldição,  
De fim avassalador,  
Trouxe um amargo desejo,  
Filho de contos de amor...*

*Na álea do ouro a rosa  
Salvará todo o Egipto,  
Mas a mente ambiciosa  
Estará sempre de olho fito!*





E, boquiaberta, percorreu o resto da página que se encontrava estranhamente vazio. Ergueu o manuscrito no ar, perto do candeeiro, mas não conseguiu ver mais nada. Girou a folha em várias direcções, soprou-lhe, aqueceu-a entre as mãos... Nada. Porque teria alguém escrito aquelas frases no fundo da página, como se tivesse querido deixar espaço para outra coisa antes?

Talvez as histórias que tinha lido lhe estivessem a subir à cabeça. O melhor era ir jantar. Depois de comer voltaria a analisar melhor a sua descoberta. Colocou então a folha em cima do livro e apagou o candeeiro.

O luar da lua cheia entrava pela janela e incidia exactamente sobre o manuscrito em cima do livro. Ana tinha já fechado metade da porta quando se virou uma última vez para o documento.

— É um mapa! - exclamou perplexa, voltando a entrar no quarto. — A escuridão apaga as cores à sua volta, mas as linhas de relevo do livro sobressaem à luz do luar! É este o truque para o poder ver!

— Ana, já passa das 8. Estás atrasada para jantar! - chamou Sara aproximando-se. - Que estás aí a fazer, às escuras?

— Estava mesmo a sair. Ia já lavar as mãos...

O pai e a irmã estavam sentados à mesa. Maria não parecia muito satisfeita. Tinha a cabeça apoiada às costas da mão e olhava para ela de soslaio, como se lhe quisesse dizer que se preparasse para o que aí vinha, com o mesmo tipo de expressão que utilizava sempre que a mãe preparava a sua nutritiva, mas detestável sopa de legumes. Ana sentou-se no seu lugar.

— Bem - começou o pai. — Parece que só me resta dar-te a novidade a ti - e olhou para Ana que o fixava interessada.

Maria começara a mexer-se um pouco na cadeira, com um sorriso desdenhoso e subtil a esboçar-se-lhe nos lábios. Era agora a vez da irmã sofrer o mesmo choque que ela

sofrera.

— O meu próximo destacamento levar-nos-á... - disse finalmente o embaixador quando foi interrompido por um sarcástico e teatral “tchan, tchan, tchan, tchaaaaan!” proferido por Maria - ... ao Cairo!

Ouvindo isto, Ana deixou cair ao chão o guardanapo que estava a pôr no colo e por momentos não reagiu.

Maria olhava-a ansiosa, esperando uma qualquer manifestação, um qualquer sinal que lhe dissesse que Ana se agregava à sua causa.

— Ao Cairo? Ao Cairo? Mas isso é espectacular! Nem posso acreditar! - exclamou Ana com um sorriso de júbilo, batendo as palmas de contente perante o olhar incrédulo da irmã.

Este capítulo não poderá ser reproduzido, total ou parcialmente, sem a prévia autorização por escrito da editora. Todos os direitos reservados.

© Publicações Dom Quixote.